

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

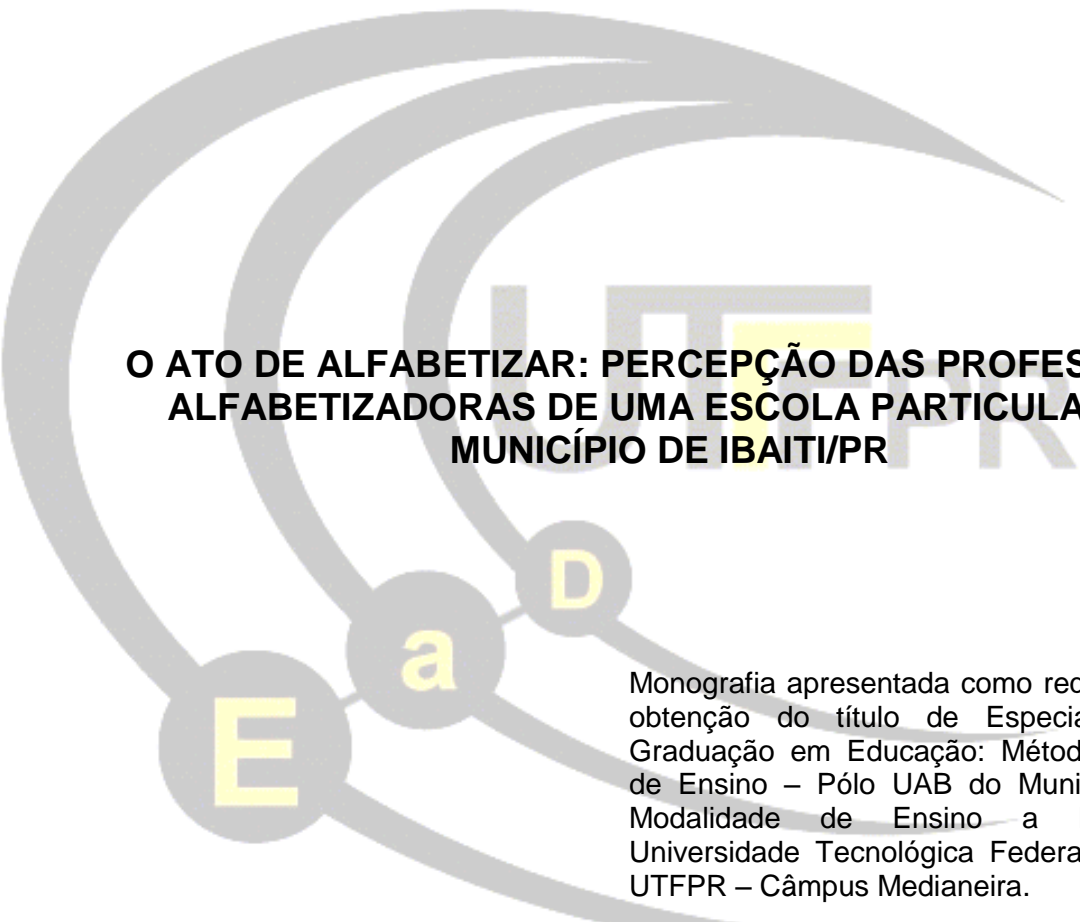
CARINA DE SOUSA PERES LEITE

**O ATO DE ALFABETIZAR: PERCEPÇÃO DAS PROFESSORAS
ALFABETIZADORAS DE UMA ESCOLA PARTICULAR DO MUNICÍPIO
DE IBAITI/PR**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

**MEDIANEIRA - PR
2014**

CARINA DE SOUSA PERES LEITE



**O ATO DE ALFABETIZAR: PERCEÇÃO DAS PROFESSORAS
ALFABETIZADORAS DE UMA ESCOLA PARTICULAR DO
MUNICÍPIO DE IBAITI/PR**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino – Pólo UAB do Município de Ibaiti, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientadora: Prof^ª. Me. Nelci Aparecida Zanette Rovaris

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA



TERMO DE APROVAÇÃO

O ATO DE ALFABETIZAR: PERCEPÇÃO DAS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS DE UMA ESCOLA PARTICULAR DO MUNICÍPIO DE IBAITI/PR

Por

CARINA DE SOUSA PERES LEITE

Esta monografia foi apresentada às 10h30m do dia **01 de novembro de 2014** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino – Pólo de Ibaiti, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. A aluna foi avaliada pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Prof^a. Me. Nelci Aparecida Zanette Rovaris
UTFPR – Câmpus Medianeira
Orientadora

Prof Dr. André Sandmann
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof. Me. Cidmar Ortiz dos Santos
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof^a. Me. Maria Fátima Menegazzo Nicodem
UTFPR – Câmpus Medianeira

Dedico este trabalho primeiramente a Deus que me concedeu a vida e a oportunidade de fazer o que amo que é lecionar e em segundo dedico ao meu filho Guilherme que por ele sempre busco fazer o meu melhor para ser um exemplo para sua vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos e dificuldades que me defrontei a chegar até aqui.

Aos meus pais, pelo incentivo que me fez optar pelo trabalho com a educação.

Ao meu esposo Guilherme que sempre me apoiou a buscar cada vez mais o conhecimento em minha área de atuação e incentivou a persistir quando eu pensava em desistir.

Ao meu pequeno príncipe Guilherme, que me motiva a ser alguém melhor, a prestar o meu melhor sempre na vida e na profissão.

A todos os meus colegas de profissão que contribuíram significativamente para o sucesso da minha pesquisa, a escola em que leciono Arco-Íris Dom Bosco que sempre me incentiva indiretamente a buscar o conhecimento para que meu trabalho seja a cada dia de mais qualidade.

A todos os alunos do 3º ano, meus alunos, a quem ensino e aprendo todos os dias, e que a 3 anos atrás pude acompanhá-los na Pré-escola e contribuir significativamente no processo que os levou a torná-los alfabetizados.

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

À minha orientadora Nelci Aparecida Z. Rovaris por compartilhar seus conhecimentos, pelo seu empenho nas orientações do trabalho e sua compreensão e tolerância no percurso da pesquisa.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

RESUMO

LEITE, Carina de Sousa Peres. O ato de alfabetizar: percepção das professoras alfabetizadoras de uma escola particular do município de Ibaiti/Pr. 2014. Número de folhas - 38. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

O presente trabalho tem como elemento norteador a percepção de alfabetizadoras de uma escola particular em relação aos métodos que são postos a serviço do educador no processo de “alfabetização”. Partindo do princípio de que a alfabetização é de suma importância na formação e no desenvolvimento educacional de uma criança, esta é a principal função da escola que é o ensinar as primeiras letras, o prazer em ensinar a aprender a ler e o escrever, tão precioso na vida de cada ser humano. Viu-se no decorrer da pesquisa que são diversos as técnicas, métodos e tendências conceituais que auxiliam os procedimentos pedagógicos do professor. Não é pretensão deste trabalho chegar há um ponto final, e indicar qual o melhor método ou forma de alfabetizar, mas somente, conhecer quais são as percepções dos professores do 1º ano do ensino fundamental – séries iniciais de uma escola particular do Município de Ibaiti sobre a alfabetização de seus educandos. A presente pesquisa teve o caráter de pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo com cinco professoras de alfabetização, com o preenchimento de um questionário com perguntas abertas. Observou-se no levantamento de dados que a maioria das pesquisadas não tem profundidade e conhecimento no que tange aos conceitos técnicos e suas diferenciações dos métodos pedagógicos. Ainda, percebeu-se que o sistema tradicional ainda impera nos meandros das salas de aulas, mas as respostas das colaboradoras (discurso) foram no sentido que todas estão voltadas para o sistema metodológico construtivista.

Palavras-chave: Alfabetização. Métodos. Professoras do 1º ano do Ensino Fundamental.

ABSTRACT

LEITE, Carina de Sousa Peres. **METHODS OF LITERACY: TEACHING literacy PERCEPTION OF A PRIVATE SCHOOL IN THE CITY OF Ibaiti-PR.** 2014 number of sheets - 38. Monograph (Specialization in Education: Methods and Techniques of Teaching). Federal Technological University of Paraná, Medianeira, 2014.

The present work has as a guiding element perception of literacy from a public school in the methods which are placed at the service of the educator in the "literacy" process. Assuming that literacy is the most basic importance in the training and educational development of a child, then this is the main function of the school when teaching the basics, happy to teach, learn, read and write, things that are so precious in the life of every human being. It was observed during the research that there are various techniques, methods and conceptual trends that assist the pedagogical practices of the teacher. Do not claim that this work is to get there as an end point, and indicate the best method or form of literacy, but only to show the historical currents, the conceptual bases and being employed in the educational process at the present time, and, besides observing what are the perceptions of teachers of the 1st year of primary school - early grades in a private school in the Municipality of Ibaiti/PR have these practices in their teaching strategy, and an analysis of what are the methods that are being appropriated by them as a guidance in basic training the literacy of their students. This research has the character of literature and field research with five teachers of literacy, which was proposed to fill in a questionnaire with open questions. Observed in the survey data was that the majority of participants do not have depth and knowledge regarding the technical concepts and their distinctions in the teaching methods. We can still observe that the traditionalist system still prevails in the intricacies of the classrooms, but the answers were the collaborators in the sense that are all focused on the constructivist methodological system.

Keywords: Literacy. Methods. Teachers of the 1st year of elementary school.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1 A TRAJETÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL	11
2.2 MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO	13
2.2.1 Métodos Tradicionais	14
2.2.1.1 Método sintético	15
2.2.1.2 Método Analítico ou Global	17
2.2.2 Métodos Construtivistas	19
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	23
3.1 LOCAL DA PESQUISA	23
3.2 TIPO DE PESQUISA	23
3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA	23
3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	24
3.5 ANÁLISE DOS DADOS	24
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	29
4.1 PERFIL DOS PROFESSORES PESQUISADOS	29
4.2 PERCEPÇÃO DAS PROFESSORAS SOBRE ALFABETIZAÇÃO	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	37
ANEXOS	39

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que o sucesso no processo de alfabetização é de suma importância no desenvolvimento escolar de uma criança, é através da aquisição da alfabetização que uma criança aprende a se comunicar com o mundo de maneira clara.

E, mais do que nunca, nos dias atuais, as crianças iniciam a formar sua leitura de mundo e já precocemente há o estímulo, dentro de casa, para o rabiscar, traçar, desenhar, pintar, observar figuras, bonecos que falam, brinquedos interativos, mas é claro, que se faz necessário as oportunidades que lhes são fornecidas através das condições econômicas familiar.

Em relação à escola, esta deve assumir um papel preponderante neste processo, é uma das funções da escola ensinar o prazer em ler e escrever. Para que esse prazer seja internalizado deve-se analisar qual a melhor maneira de introduzi-lo, mas aproveitar a realidade de vida que a criança já traz como herança do segmento familiar.

No processo de alfabetização há diversos métodos e técnicas que ajudam auxiliar os educadores, sendo todos de certa forma grandes formas de se educar. Será que há um dentre eles que pode ser considerado o melhor ou mais eficiente para a alfabetização? Quais são os métodos utilizados neste momento pelos educadores?

Este trabalho tem como objetivo conhecer quais as percepções que os professores do 1º ano do ensino fundamental de uma escola particular do município de Ibaiti têm sobre o processo de alfabetização.

A literatura busca refletir sobre a história e evolução da alfabetização apresentando as técnicas utilizadas em diversas épocas e suas características. Utilizar-se-á para fundamentar deste trabalho as idéias de diversos autores como Emilia Ferreiro, Ana Teberosky, Capovilla, Cagliari e outros que com suas contribuições reformularam a história da alfabetização no mundo.

O presente trabalho está dividido em quatro seções que inicia-se com um breve estudo sobre a trajetória da alfabetização em nosso país; numa segunda seção apresenta-se os métodos de alfabetização que são divididos em subseções como os métodos tradicionais e sobre o métodos liberais e progressistas, além do método construtivista; em seguida, verifica-se os procedimentos metodológicos e

levantamento de dados da pesquisa de campo junto a uma escola particular do Município de Ibaiti – Paraná, com a participação de cinco (05) professoras colaboradoras que atuam como alfabetizadoras.

Espera-se que com a revisão bibliográfica e a pesquisa de campo por meio das análises dos dados, consiga-se estimular educadores/alfabetizados e ainda, acadêmicos há reflexão, a busca incessante de novos conhecimentos, a capacitação específica sobre os métodos de alfabetização a serem utilizados e assim, desta forma, auxiliar de uma forma ou de outra os curiosos e buscadores de conhecimentos do tema que ora descreve-se.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. A TRAJETÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL

O conceito alfabetização vem mudando ao longo da sua trajetória histórica. Alfabetizar é a ação de permitir e capacitar um sujeito para interagir com a leitura e escrita tornando-o capaz de desvendar o mundo codificado e utilizá-lo para seu bem estar social.

Alfabetizar é dar acesso ao mundo da leitura. Alfabetizar é dar condições para que o indivíduo-criança ou adulto – tenha acesso ao mundo da escrita, tornando-se capaz não só de ler e escrever, enquanto habilidades de decodificação e codificação do sistema da escrita, mas, e, sobretudo, de fazer uso real e adequado da escrita com todas as funções que ela tem em nossa sociedade e também como instrumento na luta pela conquista da cidadania plena. (SOARES, 2003, p.33)

Pode-se considerar como processo de alfabetização, o conjunto de técnicas e procedimentos que leva o indivíduo a codificar e decodificar os fonemas e grafemas, sendo assim um indivíduo alfabetizado é aquele que adquiriu as habilidades destas técnicas.

Segundo Soares (2003), alfabetização é o processo pelo qual adquire o domínio de um código e das habilidades de utilizá-lo para ler e para escrever, ou seja, o domínio da tecnologia, do conjunto de técnicas para exercer a arte da ciência e da escrita.

A ciência de alfabetizar indivíduos surgiu da necessidade que a sociedade apresentou frente às formas de se comunicar em diversas situações do cotidiano, entende-se por ai que desde a época primitiva até os dias atuais a busca pelo aprendizado da leitura e escrita se faz necessário ao ser humano para que viva harmoniosamente em sociedade.

A alfabetização é, pois, tão antiga quanto os sistemas de escrita. De certo modo, é a atividade escolar mais antiga da humanidade (CAGLIARI, 1998).

Sabe-se que o processo de alfabetização se inicia muito antes da criança entrar na escola, pois antes disso ela já possui contato com seu meio social, a família, que lhe permite adquirir conhecimentos como a própria linguagem verbal.

O processo/ato de ler e escrever estão conosco desde o século XVI, quando os Portugueses chegaram ao Brasil trazendo para as escolas as letras do alfabeto, ensinando a soletrar, construindo assim a leitura.

No século XIX, a dificuldade das crianças em ler e escrever transformou-se em um dilema que instigou a busca por explicações a esse problema. A partir da Proclamação da República, às práticas de leitura e escrita ganharam força e a educação ganhou destaque, sendo neste período as práticas de alfabetização restritas em ambientes privados, nas residências ou escolas do Império, nas chamadas aulas régias.

Mortatti (2005) afirma que a qualidade das aulas régias eram hipotéticas, o ensino dependia muito do empenho dos professores que utilizavam as cartas de ABC em consonância com o método sintético, soletração, fônico e silabação, mas ainda na primeira década da Proclamação da República foi instituído o método analítico se opondo a este método sintético.

Na década de 1880 introduziu-se o uso do método da palavração, também conhecido como método João de Deus, pois criado em Portugal pelo poeta João de Deus, recebeu este nome em homenagem ao seu fundador.

O termo alfabetização referida como o ensino inicial da leitura e escrita incidiu no final da década de 1920, onde se utilizavam métodos mistos, conhecidos como analítico-sintético, estendendo-se o uso deste tipo de método até aproximadamente o final da década de 1970.

No início da década de 1980, o Brasil introduziu o pensamento construtivista de alfabetização apoiado pelas contribuições dos estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky sobre a Psicogênese da Língua Escrita, sendo nesta mesma época feito um levantamento, constatou-se que inúmeras pessoas estavam alfabetizadas, mas não conseguiam compreender, ou melhor, interpretar os códigos decifrados, surgindo então o termo letramento, que pode ser considerado o ato de decodificar e interpretar fazendo uso desse conhecimento no dia-a-dia.

Sobre o processo de letramento ligado a alfabetização tem-se que:

Alfabetizar letrando ou letrar alfabetizando pela integração e pela articulação das várias facetas do processo de aprendizagem inicial da língua escrita é sem dúvida o caminho para superação dos problemas que vimos enfrentando nessa etapa da escolarização; descaminhos serão tentativas de voltar a privilegiar esta ou aquela faceta como se fez no passado, como se faz hoje, sempre resultando no reiterado fracasso da

escola brasileira em dar às crianças acesso efetivo ao mundo da escrita. (SOARES, 2003, p.12)

A partir dessa trajetória identifica-se que o processo de alfabetização e a aplicação de métodos alfabéticos não pode ser considerado recente em nosso país, sua história marca a história da Educação no Brasil desde os ensinamentos dos jesuítas.

2.2. MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO

Entende-se por método todo caminho que busca atingir um objetivo, a organização de uma sequência de ações para atingi-lo.

Método é o conjunto de processo graças aos quais é possível conhecer uma determinada realidade produzir determinado objeto ou desempenhar certo comportamento. Nesse sentido geral, identifica-se com a noção de meio pelo qual se alcança determinado fim. Como tal, acha-se ligado fundamental ao processo de trabalho e todas as atividades humanas dotadas de um propósito transformador da realidade. (BARSA, 1987, p.37)

A história mais concreta da alfabetização está vinculada a história dos métodos, que desde o século XIX busca esclarecimentos para o problema das dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita das crianças.

Em relação aos métodos de ensino de alfabetização, há cem anos acontecem disputas entre educadores que muitos acreditam revolucionar os métodos antigos, e outros tendem a defendê-los como métodos tradicionais.

Os primeiros métodos de alfabetização utilizados no Brasil, no século XIX, foram os métodos nomeados de: marcha sintética (da "parte" para o "todo"); da soletração (alfabético), partindo do nome das letras; fônico (partindo dos sons correspondentes às letras); e da silabação (emissão de sons), partindo das sílabas.

No início da década de 80 o método João de Deus, conhecido também como “método da palavração” passou a ser divulgado de forma sistemática e programática principalmente nos estados de São Paulo e Espírito Santo, consistia em alfabetizar a partir da palavra, para posteriormente ensinar o valor sonoro das letras. A partir daí, inicia-se variadas indagações sobre a eficiência dos métodos.

A partir da década de 90 surgiram então os métodos analíticos, que considerava a aprendizagem da leitura e escrita, oriundos do caráter biopsicofisiológico da criança. Sobre o método analítico ressalta-se que:

De acordo com esse método analítico, o ensino da leitura deveria ser iniciado pelo 'todo', para depois se proceder à análise de suas partes constitutivas. No entanto, diferentes se foram tornando os modos de processuação do método, dependendo do que seus defensores consideravam o 'todo': a palavra, ou a sentença, ou a 'historieta'. (MORTATTI, 2006, p.7)

Em meados da década de 1920, com a autonomia didática dos professores buscou-se conciliar esses dois métodos, analítico e sintético, passando então a usar os chamados métodos mistos, analítico-sintético ou vice-versa, sendo estes considerados além de eficientes mais rápidos em seus resultados, mas nem a partir dessa miscigenação as disputas defensivas pelos métodos cessaram. Surge em meados de 1920, com o intuito de enfrentar o fracasso da alfabetização escolar, ideias da escola construtivista observa-se que:

Com intuito de mudar a educação, para enfrentar o fracasso da educação brasileira surge assim o construtivismo e a desmetodização a fim de se enfrentar, particularmente, o fracasso da escola na alfabetização de crianças. Como correlato teórico metodológico da busca de soluções para esse problema, introduziu-se no Brasil o pensamento construtivista sobre alfabetização, resultante das pesquisas sobre a psicogênese da língua escrita desenvolvidas pela pesquisadora argentina Emília Ferreiro e colaboradores. (MORTATTI, 2006, p. 10)

Afinal a discussão sobre o melhor método de alfabetizar perpassa por décadas e séculos, no Brasil a busca por revolucionar estes métodos se dá por conta dos elevados índices de analfabetismo e problemas estruturais das redes públicas e privadas de ensino.

As muitas formas de alfabetizar resultam em diversos aspectos de aprender, os métodos tradicionais e os métodos construtivistas, como são divididos atualmente, contribuem significativamente para o processo de alfabetização.

2.2.1 Métodos Tradicionais

O método tradicional é centrado no professor, que tem por objetivo atentar para que o aluno siga corretamente seus comandos através de aulas mecanizadas,

o professor ensina matéria, passa exercícios e os corrige consecutivamente da mesma forma e de maneira repetitiva o professor é sempre o detentor do conhecimento, e o aluno assimila o conteúdo pela repetição e decoreba.

2.2.1.1 Método Sintético

Estruturado a partir da teoria do Behaviorismo, o antigo método de alfabetização é considerado um dos mais rápidos e simples, e pode ser aplicado a qualquer criança.

Sua aplicação fundamenta-se entre o oral e o escrito, ou seja, o som e a grafia, iniciando com um grau de dificuldade simples para o mais complexo, levando em consideração o ensino das partes para o todo.

O método sintético preserva a correspondência entre o oral e o escrito, entre som e a grafia. O que se destaca neste método é o processo que consiste em partir das partes do todo, sendo letras os elementos mínimos da escrita. O método analítico insiste no reconhecimento global das palavras ou orações; a análise dos componentes se faz posteriormente. (FERREIRO & TEBEROSKY, 1985, p.19)

O método sintético pode ser dividido em:

a) Alfabético ou Soletração: Um dos mais antigos sistemas de alfabetização deu origem à palavra “alfabetizar” tem como objetivo geral que a leitura e a escrita acontece a partir da fixação oral das letras, sílabas e palavras, com isso a criança a partir da leitura por soletração inicia o processo de decoraçãõ.

O processo para a alfabetização por esse método inicia com a aprendizagem do alfabeto, letra por letra (Ex: a – b...), depois a junção das sílabas (Ex: b + a = ba), e assim com toda a família silábica (Ex: ba-be-bi-bo-bu), depois palavras (Ex. baú), e assim frases e por fim textos, não prosseguindo as fases caso não tenha dominado a que estão aprendendo. Segundo Costa e Antunes (2008), a leitura também se dá de maneira gradual, primeiro as letras isoladas, passando para palavras curtas, frases e enfim textos, inicialmente a leitura acontece pela soletração das sílabas até decodificar a palavra toda.

Muitos criticam esse método por ser ele repetitivo em seus exercícios, podendo ser caracterizado como um método tedioso para as crianças que além de tudo não podem expor seus conhecimentos pré-adquiridos.

Mesmo diante das críticas e surgimento de novos métodos o alfabético é ainda muito utilizado nas escolas brasileiras e em aulas domésticas (particulares), pois existe acima de tudo uma comprovação da sua eficácia e que para muitos educadores leigos dos métodos atuais é uma herança tradicionalista no processo de alfabetização.

b) Fônico: Substituindo o método alfabético, o método fônico surgiu a partir das críticas ao método alfabético, com a intenção de superar a dificuldade de algumas crianças em distinguir som e letra, este método tem como foco somente o fonema, sobre influencia da linguística ele incide na memorização dos sons das letras antes de associá-lo com as figuras que a representam e fazer sua grafia, a relação entre os sons e as letras para que haja memorização deve acontecer de forma lúdica, no entanto a criança só irá treinar a grafia e sua representação simbólica depois de memorizar o seu valor sonoro.

Existem diversas variações do método fônico visando aproximar o aluno de algum significado, há aqueles professores que ao apresentar a letra e seu valor sonoro dispõe ao aluno uma imagem ou palavra, que seja de conhecimento dela, que comecem com a tal letra dando sentido para ela.

A preocupação frente ao método fônico está na pronúncia correta das palavras, pois a criança irá escrever a palavras tal qual como irá pronuncia-la, então se a palavra for pronunciada errada a escrita também sairá errada.

O método fônico é baseado no ensino dinâmico do código alfabético, ou seja, das relações entre grafemas e fonemas em meio a atividades lúdicas planejadas para levar as crianças a prender a codificar a fala em escrita e de volta, a decodificar a escrita no fluxo da fala e do pensamento. Ele é tão eficaz em produzir compreensão e produção de textos porque, de modo sistemático e lúdico, fortalece o raciocínio e a inteligência verbal. (CAPOVILLA E CAPOVILLA, 2007, p.17)

Muitos especialistas afirmam que com o método fônico é possível se alfabetizar as crianças em espaços curtos de tempo, quatro a seis meses, e por isso ele é recomendado por diretrizes curriculares de diversos países como a Alemanha.

A crítica a este método está no fato de como se trabalhar com as variantes da língua portuguesa, ou seja, letras que apresentam o mesmo som sendo que seu aprendizado se dá por e através dos sons.

Por ser este um método importante no processo de alfabetização há muitos que defendem o uso associado do método fônico com os métodos construtivistas, ou seja, deve-se relacionar o ensino do fonema/grafema ao que o aluno já sabe e ao que vai construir.

c) Silábico: É um processo lento e longo, surgiu no século XVIII a fim de superar a soletração pelo processo de alfabetização a partir da sílaba. Neste método, as cartilhas são utilizadas para orientar os alunos, sua característica é a somatória de etapas que se inicia pela aprendizagem das vogais e encontros vocálicos, posteriormente ocorre à apresentação do som e grafia das consoantes, logo acontece à junção das consoantes com as vogais formando então sílabas simples, e por fim os encontros consonantais e as sílabas complexas são apresentados. Costa e Antunes (2008) consideram que frases e textos só são apresentados após a fixação de todas as etapas. Vale destacar que as sílabas e suas famílias são marcas registradas desse método, e recebem toda atenção do educador ao utilizá-lo, criando a família silábica variada nomenclaturas a fim de auxiliar na fixação e motivação do educando.

2.2.1.2 Método Analítico ou Global

O método Analítico se desenvolveu a partir da teoria de Gestalt, do sincretismo infantil, ou seja, mistura de realidade e imaginação. Tem por objetivo fazer as crianças compreenderem o sentido de um texto, deixando de lado o ensino da leitura pela silabação.

Este método rompe com o processo de decifrar letras e sons e propõem formas diferenciadas de trabalho que priorize a análise e a compreensão, o ensino começa pelos níveis menos complexos para aos poucos avançar para os níveis mais avançados.

O método analítico ou global é dividido em:

a) **Palavração:** neste método a palavra é apresentada ao aluno diversas vezes, constitui a leitura de palavra por palavra, primeiramente a criança aprende a palavra para só depois fazer a separação silábica e em seguida formar novas palavras.

Assim são apresentados pequenos textos onde o educador escreve em fichas, cartazes ou no quadro negro, as palavras que pretende trabalhar, e que esteja inserida no texto proposto, e então através da técnica de memorização a palavra é estudada, e posteriormente suas sílabas e letras.

O método de palavração foi introduzido por Comênio em meados do século XVII, as palavras são apresentadas de forma agrupada, e geralmente seu ensino parte do pressuposto de que os alunos aprendem a reconhecê-los através da memorização de sua configuração gráfica. (RIZZO, 1986 *apud* COSTA e ANTUNES, 2008, p. 2)

b) **Sentenciação:** Na sentenciação o educando aprende a partir de uma sentença, frase, retirada de um texto, escolhida de acordo com o interesse de todos, após essa frase é dividida em palavras, que novamente será dividida em sílabas que depois de aprendidas formam novas palavras.

A alfabetização tradicional era procedida de maneira mecânica, não se levava em conta o conhecimento prévio da criança e muito menos a sua realidade, o que levou a alguns caminhos desastrosos na alfabetização, pois o aluno era um ser passivo no processo de aprendizagem da leitura e da escrita sendo submetido à avaliação somente daquilo que foi decorado, não havendo espaço para o erro a criança era levada a reprovação e conseqüentemente a evasão escolar.

Quanto aos métodos tradicionais reflete-se sobre o fracasso escolar dos alunos diante da maneira como lhe é ensinado:

Alunos que são submetidos a um processo de alfabetização, seguindo o método das cartilhas (com livros ou não), são alunos que são expostos exclusivamente ao processo de ensino. O método ensina tudo, passo a passo, numa ordem hierarquicamente estabelecida, do mais fácil para o mais difícil. O aluno, seja ele quem for, parte de um ponto inicial zero, igual para todos, e vai progredindo, através dos elementos já dominados, de maneira lógica e ordenados. A todo instante, são feitos testes de avaliação (ditados, exercícios estruturais, leitura perante a classe), para que o professor avalie se o aluno acompanha ou se ficou para trás. Neste último caso, tudo é repetido de novo, para ver se o aluno, desta vez, aprende. Se ainda assim não aprender, repete-se mais uma vez, remanejando-se os alunos atrasados para uma classe especial, para não atrapalharem os que progrediram, até que o aluno, à força de ficar reprovado, desista de estudar, julgando-se incapaz. E a escola lamenta a chance que a criança teve e que não soube aproveitar. (CAGLIARI, 1998, p. 65)

Para muitos o fracasso na alfabetização não estava nos métodos em si e sim no aluno, pois os educadores aplicavam os seus métodos de acordo com o que era proposto, seguindo corretamente os meios e os fins, até que muitos estudos levaram todos a ver que o problema estava no ambiente escolar e nos seus métodos que privava o aluno, não deixando que ele se mostrasse um ser pensante e com vivências e experiências.

O fracasso no processo de alfabetização também foi questionado frente ao trabalho do professor que por sua vez não tinha a formação necessária e nem preparo para a didática em sala de aula e que a partir de uma preocupação iniciaram os estudos de muitas práticas a fim de sanar as dificuldades que por fim causaram mais insegurança e problemas, como se ressalta:

Como as escolas de formação de professores para o magistério, guiadas por estranhas ideias oriundas das faculdades de educação, não conseguem dar a formação necessária para os professores, os órgãos públicos encarregados da educação passaram a dar periodicamente "pacotes educacionais", de acordo com os modismos da época. (...) os professores, atormentados com tantas mudanças, vítimas da própria incompetência, foram experimentando todos os pacotes. (CAGLIARI, 1998, p. 33)

Enfim todo esse caminho que parecia fácil para se consolidar a aprendizagem da leitura e escrita se tornou catastrófico, pois o professor se tornou um depositante e o aluno um mero depósito vago.

Então, em meados de 80 surge um novo paradigma educacional que transformou o cenário brasileiro da alfabetização, modificando a maneira de pensar dos professores e dos alunos.

2.2.2 Métodos Construtivistas

A partir da década de 80 todo processo tradicional de alfabetização foi sendo questionado a fim de se revolucionar, mudar a política social da educação no Brasil com o foco principal diminuição do fracasso e evasão escolar. Com intuito de mudar essa realidade surgiu o construtivismo.

Nascido das ideias de Jean Piaget, o construtivismo hoje pode ser considerado o método mais elogiado, indicado e usado, ele busca instigar a curiosidade dos educandos levando-os a buscar as respostas a partir de seus

próprios conhecimentos e de sua interação com o outro e com o mundo, pensando do ponto de vista linguístico o construtivismo afirma que para aprender é preciso praticar, ler para aprender a ler e escrever para aprender a escrever.

Tem como principal expoente Emília Ferrero, que defende a construção pela criança de seus sistemas interpretativos, que ela é capaz de pensar e levantar diferentes hipóteses para construir seus conhecimentos.

Segundo Ferreira (1996, p.24) “o desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças”.

O processo de alfabetizar pelas metodologias construtivistas leva a compreender que a aprendizagem da leitura e escrita andam juntas, sem essa união não há sentido o processo de alfabetização, todo material de contato diário da criança se torna significado nesse processo, pois todos trazem consigo significados que a criança vai desvendando e assim vai enriquecendo seu vocabulário.

Centenaro (2011) aponta que o método construtivista atualmente se aplica a partir do conhecimento que a criança traz para a escola, e pode ser trabalhado no individual ou no coletivo, sendo assim a ação de criar do indivíduo deve e pode estar presente, o aluno cria algo novo a partir de seus conhecimentos pré-existentes, utilizando o seu imaginário, as suas fantasias e encontrando o equilíbrio exato para construir o novo, essa é à base do método construtivista, o aluno construir o seu próprio conhecimento

Para o construtivismo a criança é capaz de descobrir situações de escrita simples e construir hipóteses sobre elas, e num exato momento essas hipóteses entram em conflito fazendo com que a criança progrida frente as suas descobertas. “Nessa perspectiva, o sucesso ou fracasso da alfabetização relaciona-se com o estágio de compreensão da natureza simbólica da escrita em que se encontra a criança” (SOARES, 2003. p. 19).

O construtivismo é considerado um grande avanço no processo de alfabetização dentre vários se destaca o papel do professor que se tornou um mediador do conhecimento e o aluno um ser ativo dentro desse processo que em sala de aula revela o seu nível intelectual a partir de relatos e experiências.

Há muitos que descreve o construtivismo não como um método de alfabetização e sim uma nova vertente no âmbito educacional que modificou a visão dos professores e conseqüentemente modificou a sua prática.

Concluiu-se que a concepção de alfabetização sofreu uma forte influência que hoje está impregnada no seio educacional, mas que tende a ser construída através de uma mesclagem *ou mistura* entre o “liberalismo” e as “tendências consideradas mais modernas”, como as “progressistas”.

São três as tendências que interpretam a questão da educação na sociedade: ‘educação como redenção, educação como reprodução e educação como transformação da sociedade. [...] A perspectiva redentora se traduz pelas pedagogias liberais e a perspectiva transformadora pelas pedagogias progressistas’. Assim, temos duas derivantes principais na educação brasileira: a conservadora e a progressista, classificadas em liberais e progressistas mediante os critérios que adotam em relação às funções sociais e políticas da escola. (SCHRAMM, 2001, s/p)

E, realmente, essa mesclagem de ideologias fez com que a educação passasse por várias instâncias e que ainda fazem os educadores e afins desta área, reflitam sistematicamente sobre os parâmetros que regem as práticas pedagógicas atuais.

Por tendência liberal entende-se que uma idéia onde a escola tem como função elementar preparar os indivíduos para o exercício de evidentes papéis sociais, respeitando suas aptidões individuais, é preparar o cidadão para as diferenças das classes sociais, das desigualdades sociais, da exclusão social e pela busca da igualdade de oportunidades e de sustentação social entre todos os cidadãos. (SCHRAMM, 2001, s/p)

O autor cita ainda o mesmo autor que na pedagogia liberal temos uma sustentação em que a escola é a responsável maior de preparar o cidadão, preparar o indivíduo para que o mesmo possa desempenhar com embasamento cultural de seu papel dentro da sociedade, respeitando sua individualidade, portanto, para esta pedagogia os indivíduos necessitam aprender a se preparar, adaptar, envolver aos valores propostos pela sociedade vigente, pelas suas leis, suas normas e regras tendo como predominância o seu desenvolvimento pessoal e individual diante deste contexto.

Mas é importante ainda registrar que houve inicialmente uma pedagogia liberal chamada de tradicional que se preocupa espontaneamente na universalização do conhecimento através da memorização, da repetição onde o professor é o elemento principal da ação educativa. O aluno um ser passivo. E ao refletir sobre este sistema, pode-se perceber que ela é uma prática muito enraizada e utilizada de forma regular e sistemática na grande maioria das escolas e universidades.

O que se percebe no pensamento progressista que a educação se volta para uma análise crítica da realidade que a sociedade impõe sobre o cidadão. As realidades são diferentes e diferentes são as formas de se interferir neste contexto. Conforme Schramm (2001) a classe dominante não difere o que é real para todos, existe os privilégios e este privilégio são para muito poucos. As questões sociais não estão no mesmo nível, é necessário através da educação colocar o cidadão na consciência de que depende de sua instrução e aculturação possa fazer frente ao “sistema” impregnado no meio político de nossa sociedade.

É uma questão do indivíduo libertar-se da imposição do sistema imposto pelo domínio político. O progresso deve ser convertido num processo onde o educando se torne sujeito do seu próprio desenvolvimento, é promover o senso crítico sobre a realidade social, é tornar-se mais e mais crítico, criativo, participativo, é não abaixar a cabeça para tudo e para todos. É ser consciente e responsável, é assumir posturas positivas em prol da grande maioria, dos mais necessitados e menos esclarecidos. “É não estar alienado a um sistema fechado de idéias e de poucas possibilidades de acesso” (SCHRAMM, 200, s/p).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 LOCAL DA PESQUISA

A pesquisa aconteceu em uma escola particular e possui 29 anos de atuação na história educacional da cidade de Ibaiti. Atende a 250 alunos com faixa etária de 0 a 9 anos, compreendendo a Educação Infantil e Ensino Fundamental, são alunos de classe média e alta. A instituição possui 22 professores que atuam nas modalidades mencionadas tendo na maioria das turmas professor regente e auxiliar. As crianças, quando necessitam, dispõem de atendimento psicológico, psicopedagógico e fonoaudiológico oferecidos pela instituição. A escola apresenta 5 classes de alfabetização, que compreende a dois 1º anos, dois 2º anos e um 3º ano

3.2 TIPO DE PESQUISA

Classifica-se a pesquisa frente ao seu objetivo como exploratória porque, no final, como escreve Gil (2008), com a pesquisa exploratória se conhecerá mais sobre aquele assunto e se estará apto a construir hipóteses. Esta pesquisa tem caráter de pesquisa bibliográfica, pois não se consegue começar uma pesquisa do zero. Sempre há alguém que já vivenciou experiência semelhante ou prática a respeito do mesmo assunto.

Para obtenção dos dados será feita uma pesquisa de campo, que como relata Gil (2008) não possui um amplo alcance, mas em compensação aprofunda muito mais a investigação do fenômeno, o que exige mais participação do pesquisador na investigação, isto é, na elaboração dos questionários, que é o caso desta pesquisa.

3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA

Nesta pesquisa foram convidadas para o estudo de caso oito (8) professoras alfabetizadoras de uma escola particular da cidade de Ibaiti-PR que

estão inseridas no processo de alfabetização de crianças do 1º e 2º anos do Ensino Fundamental primeira etapa, sendo que somente cinco (5) se prontificaram a participar e assim fizeram respondendo ao questionário.

3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados realizou-se por meio de um questionário apresentado aos professores, Gil (2008.p 109) afirma que: “o questionário é um conjunto de questões que são respondidas por escrito pelo pesquisados”.

O questionário (anexo A) foi apresentado aos docentes com intuito de manter em sigilo de suas identidades, sendo entregue o questionário em mãos, explicando o objetivo de tal e da mesma maneira depois de respondido os cinco (5) questionários voltaram em mãos, sendo que os três (3) restantes não ocorreram à devolutiva e nem explicação para o fato. O questionário foi constituído por 5 perguntas sobre o perfil dos pesquisados e 6 perguntas abertas sobre a percepção dos professores sobre alfabetização.

O que foi solicitado no questionário: os dados pessoais (idade, gênero e grau de escolaridade), dados profissionais (tempo de atuação na área da educação e alfabetização) para assim traçar um perfil das profissionais com intuito de levantar dados relevantes para a pesquisa. Ainda, a percepção do profissional frente à alfabetização, sendo questionada a concepção que possui da alfabetização diante de sua carreira formativa, conhecimentos necessários para se tornar alfabetizador, quais praticas desenvolvem e em quais métodos as enquadra, a percepção frente a um único método e sua eficácia e por fim sua própria concepção do que considera ser uma professora alfabetizadora.

3.5 ANÁLISE DOS DADOS

Neste texto apresenta-se os dados coletados na pesquisa na rede particular de educação do município de Ibaiti – Paraná, sendo estimuladas respostas a

percepção dos pesquisados em relação à prática pedagógica ao alfabetizar os alunos.

Para uma melhor compreensão das respostas abertas, identificou-se os professores como (P1) (P2) (P3) (P4) (P5).

A autora Laurence Bardin, descreve como análise de conteúdo, o trabalho de referenciar qualitativamente e quantitativamente os estudos empíricos apoiando-se em técnicas.

Para Bardin (2009), a análise de conteúdo, enquanto método torna-se um conjunto de técnicas de análise as comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.

A entrevista com 05 (cinco) professores obtiveram-se as seguintes respostas:

1 – Perguntado sobre qual a concepção que você construiu ao longo de sua trajetória formativa?

- (P1) - Que em na sua iniciação escolar a alfabetização se resumia a ensinar a ler e escrever;
- (P2) - Discorre que a alfabetização é o processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita. Se ler e escrever é possuir habilidades de codificar e decodificar a língua oral e escrita, então a alfabetização é um processo de representação de fonemas e grafemas;
- (P3) - Que acredita que cada ano, aprendemos mais e assim melhoramos nossa concepção em alfabetizar;
- (P4) – Que a alfabetização é a aprendizagem do sistema que representa toda a comunicação escrita do aluno é através dela que a criança descobre o universo das palavras;
- (P5) – Na alfabetização devemos ter a preocupação da leitura e escrita, pois incentivando a leitura, pois estamos proporcionando um lazer a ler, e estimulando a criança buscar seus livros, a leitura ajuda muito na escrita.

2. Que conhecimentos são necessários para um professor tornar-se um alfabetizador?

- A professora (P1) respondeu que conhecer os diferentes métodos e técnicas de alfabetização a fim de alcançar o aprendizado dos alunos;

- (P2) cita como importante conhecer e dominar o método utilizado para o processo de alfabetização, as fases do desenvolvimento humano, possíveis dificuldades acentuadas que podem prejudicar o processo (transtornos) e entender que o afeto é um aliado;
- (P3) – Ter uma noção clara do que é alfabetizar e, principalmente, conhecer cada aluno para sim dirigir seu trabalho como um professor alfabetizador;
- (P4) – Muita paciência, sensibilidade, criatividade e é claro, formação específica para essa área;
- (P5) – Um bom método de ensino, onde a criança conhece as letras, fonemas, a família silábica e assim juntando as palavras, formando frases através das figuras e o lúdico.

3. Descreva algumas práticas alfabetizadoras que na sua visão contribui para o desenvolvimento da leitura e da escrita desenvolvidas no cotidiano do seu exercício profissional?

- (P1) - A principal prática que um professor alfabetizador necessita é a rotina diária de atividades, a leitura diária coletiva e individual voltada sempre para o tema que está sendo trabalho;
- (P2) – Gosto de contextualizar as informações principais antes das leituras, para que todo o processo seja mais fácil e atrativo, pois este momento pode despertar curiosidade e ainda dar liberdade na leitura e escrita;
- (P3) – Para desenvolver a leitura e a escrita é possível trabalhar com gêneros textuais, livros, pequenos textos e assim fazer com que o aluno seja alfabetizado e letrado;
- (P4) – Fazer leitura todo dia, jogos pedagógicos, trabalhar com material concreto, utilizar músicas como apoio;
- (P5) – O gostar da leitura começa desde pequeno, com a prática no seu dia a dia, devemos instigar os alunos no gosto da leitura e escrita, ler o livro e fazer resumo, dialogaremos sobre o livro, ler histórias em quadrinhos, criar livrinhos, mostrar aos alunos o quanto é importante ler e escrever.

4. De acordo com suas práticas alfabetizadoras, em qual método de alfabetização elas se enquadram?

- (P1) – Minha prática é bem flexível, procuro sempre diferenciar os métodos para a compreensão de todos os alunos. Mas na minha prática utilizo frequentemente o método fônico;
- (P2) – Sócio-construtivista;
- (P3) – Construtivismo;
- (P4) – Construtivista e socioconstrutivista;
- (P5) – No método que leve o aluno na construção do conhecimento.

5. Qual método de alfabetização você considera mais eficiente para o sucesso da alfabetização? Justifique?

- (P1) – Com certeza o método fônico porque para a alfabetização é necessário ensinar o som das letras para compreensão do sistema de escrita alfabética;
- (P2) – O letramento, sócio construtivista;
- (P3) – Construtivismo, pois ele parte da crença de que o saber não é algo que está concluído, que a criança aprende o tempo todo em convívio com a sociedade;
- (P4) – Dentro do contexto socioconstrutivista, quando o professor deve criar a ZDP, acredito que a alfabetização não deve ser desvinculada do letramento. Sendo assim acredito que a técnica fônica seja bem vista inicialmente na alfabetização, mas não deve ser utilizada isoladamente, pois sua prática não conduz ao letramento;
- (P5) – Não existe um método que seja o melhor. Acredito que um contribui com o outro, tudo depende da sua sala e do conhecimento do professor alfabetizador.

6. No contexto da sua trajetória formativa o que é ser uma professora alfabetizadora?

- (P1) – A alfabetização nos proporciona muita satisfação porque é a base da vida escolar da criança. Ser alfabetizadora é ser feliz e não desanimar frente aos desafios que são muitos;
- (P2) – É um orgulho imenso, depois de tanto trabalho ver as crianças lendo, formando frases. É uma professora que não desiste de formá-los para a vida, na leitura e escrita;
- (P3) – É atingir seu objetivo maior no final do ano, conseguir que a maioria dos alunos tenham aprendido a ler e escrever, reconhecer os numerais e a saber somar e diminuir;

- (P4) – Ser professora alfabetizadora é antes de mais nada amar muito a profissão e, conseqüentemente os alunos, depois ter paciência e criatividade para ousar e tornar a aula mais atrativa e interessante;
- (P5) – É aquela que ensina com amor, acima de tudo e esteja preparada para qualquer desafio, vendo que alfabetizar não é para qualquer professor e sim para “a professora”.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 PERFIL DOS PROFESSORES PESQUISADOS:

A faixa etária dos alfabetizadores, que são todas do sexo feminino, está entre 23 e 37 anos, sendo que este dado mostra a jovialidade dos professores para o trabalho com a alfabetização. Quanto à formação acadêmica 100% da população amostra são graduadas em Pedagogia, sendo que uma delas possui magistério e todas as outras com pós-graduação na área da educação, mais precisamente na área de Pedagogia, sendo que mais da metade dos professores atuantes, já possuem o curso de Pós Graduação *Lato Sensu* tanto na área da Psicopedagogia, Especialização Infantil, e Neuropedagogia.

O tempo de atuação na área da educação varia de 5 a 15 anos, e na área de alfabetização de 1 a 10 anos, é uma variante de anos de contato direto com o processo de alfabetização.

4.2 PERCEPÇÃO DAS PROFESSORAS SOBRE ALFABETIZAÇÃO

Partindo da **primeira pergunta** percebeu-se que todas as professoras têm consciência da importância da prática da alfabetização na escola, exemplo: resposta da P1: *“sua iniciação escolar a alfabetização se resumia em ensinar a ler e escrever”*, portanto, observa-se que na sua formação não foi dimensionado o leque de concepções existentes do mundo educacional. A P2 teorizou da seguinte forma: *“que a alfabetização é o processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita. Se ler e escrever é possuir habilidades de codificar e decodificar a língua oral e escrita, então a alfabetização é um processo de representação de fonemas e grafemas”*, entretanto, sem deixar claro qual seria a concepção enfatizada na sua formação, mas tudo indica uma concepção tradicional de alfabetização. Já na mesma questão a P3 cita *“a cada ano, aprendemos mais e assim melhoramos nossa concepção em alfabetizar”* dando novamente um indicativo

que não houve nenhuma influência das concepções ideológicas na sua formação básica. E a P4 também não foi clara, resumiu sua idéia como “*a alfabetização é a aprendizagem do sistema*”, pode-se entender que seria um estilo tradicional, e por último, a P5 narra que “*na alfabetização devemos ter a preocupação da leitura e escrita, pois incentivando a leitura aos alunos, estamos proporcionando um fazer a ler [...]*”, também a resposta não é clara quanto ao solicitado, portanto percebeu-se a preocupação somente com o ato de ler e escrever e como diz Soares (1998) que alfabetizar é dar acesso ao mundo da leitura. Alfabetizar é dar condições para que o indivíduo-criança ou adulto – tenha acesso ao mundo da escrita, tornando-se capaz não só de ler e escrever, mas ainda, fazer uso real e adequado da escrita com todas as funções que ela tem em nossa sociedade e exercendo a cidadania plena.

Em suma, fica patente que todas consideraram uma necessidade, que não se pode abrir mão na escola, da alfabetização, que é um fator altamente positivo para o desenvolvimento do educando a prática da leitura e escrita e também fica evidente que ainda há muito que se preparar e fazer para melhorar suas concepções e práticas, pois os conhecimentos tradicionais ainda se encontram muito presente no dia a dia dos profissionais envolvidos.

Nas respostas da **questão dois**, perguntado “**que conhecimentos são necessários para um professor tornar-se um alfabetizador**”, têm-se uma posição quase igualitária nas respostas, todas voltadas para o mesmo direcionamento, como por exemplo: todas escrevem que devem conhecer e dominar o método utilizado.

No entanto, sabe-se que ensinar vai além de conhecer e dominar um tipo de método, ensinar inexiste sem aprender, e dominar o conteúdo para o educador alfabetizador é aquele que acima de tudo esteja aberto para aprender com seus alunos, aprender a ser, a fazer, levando em consideração o que cada um já sabe.

Sobre o sujeito alfabetizador, Freire (1996, p. 12) afirma que não há docência sem alunos, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os formam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.”

Na **terceira questão**, solicitou-se que **descrevessem algumas práticas alfabetizadoras no auxílio à prática profissional**. Também obteve-se algumas variações, mas, com certeza, todas voltadas para o mesmo objetivo, desenvolver a escrita e leitura. Assim, a P1 enfatiza que “[...] *é ter uma rotina diária de atividades que envolvam a leitura individual e coletiva [...]*”; a P2 considera que “*através da*

contextualização principais antes da leitura, pode despertar curiosidade e ainda dar liberdade na leitura e escrita”; a P3 informa que: é possível trabalhar com gêneros textuais, livros, pequenos textos”; a P4 por seu turno utiliza: “fazer leitura todo dia, utilizar jogos pedagógicos, trabalhar com material concreto e utilização de música como apoio” e, finalmente e a P5 diz que “gostar da leitura começa desde pequeno, criar livrinhos, ler o livro e fazer resumos, dialogar sobre o livro e tudo isso utilizar no dia a dia da prática escolar”.

As professoras pesquisadas não deram respostas muitas diferentes das conhecidas no sistema tradicional, ou seja, jogos pedagógicos, trabalhar com material concreto, leitura diariamente, músicas, pequenos textos, entretanto, não houve citação da utilização das novas tecnologias ou as inovações metodológicas que surgem a todo instante em vários segmentos da sociedade, principalmente, no setor educacional.

Smolka (2003) aponta por meio da concepção de Vygotsky, a concepção sócio interacionista, é que pode-se considerar a escrita como um processo de transformação:

A linguagem é uma atividade criadora e constitutiva de conhecimento me, por isso mesmo, transformadora. Nesse sentido, a aquisição e o domínio da escrita como forma de linguagem acarretam uma crítica mudança em todo o desenvolvimento cultural da criança. (SMOLKA, 2003, p. 57)

Todas as pesquisadas têm a consciência sobre o papel do professor, que é o de estimular o educando. O educando frequenta a escola justamente para buscar novos conhecimentos e cabe ao professor fazer a mediação entre o material pedagógico adequado e o desenvolvimento da alfabetização. Ficou claro a dificuldade das colaboradoras em expressar na escrita a própria teoria em que está fundamentada a sua concepção de alfabetização e de método.

Gradolí (1998) *apud* Siqueira (2010, p. 13) informa que “nas contribuições de Vygosty se valoriza a interação entre o sujeito e o objeto de estudo. Nessa prática de interação o professor e a linguagem são os mediadores do processo”.

Na pergunta de **número quatro: “de acordo com suas práticas alfabetizadoras, em qual método de alfabetização elas se enquadram?”** houve uma uniformidade de respostas, pois, as pesquisadas: P2 – P3 – P4 informaram o “*socioconstrutivismo, construtivismo, construtivista e socioconstutivista respectivamente*”, apenas a P1 citou que “*minha prática é bem flexível, procuro*

sempre diferenciar os métodos para a compreensão de todos os alunos. Mas na minha prática utilizo frequentemente o método fônico”; E a P5 que comentou que “no método que leve o aluno na construção do seu conhecimento”. Aqui entendeu-se uma perspectiva construtivista.

Nesta pergunta, apenas a P1 citou o modelo de método, isto é, o fônico. Lembra-se o que explanam os autores Capovilla e Capovilla (2007) quando citam que é através de atividades lúdicas planejadas que o educando faz a junção de fonemas e grafemas e tenham conhecimento do significado do fluxo da fala e da formação do pensamento.

Ainda, na mesma pergunta, a maioria de nossas colaboradoras prezou pelo método construtivista e/ou socioconstrutivista. O construtivismo realizou uma verdadeira revolução no que se refere ao ensino da leitura e escrita. Nos anos 80, Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, seguidoras de Piaget, iniciaram estudos que trouxeram novas luzes ao problema da alfabetização, levantando a questão de qual o melhor caminho para alfabetizar. A concepção construtivista valoriza as ações das crianças, considerando-as construtoras de seu conhecimento e não somente receptoras. “E quando se levam em consideração os conhecimentos prévios e os contextos sociais da criança, permitem a significação do aprendizado” (SIQUEIRA, 2010, p. 38).

Portanto, fica evidente que a grande maioria das alfabetizadoras está voltada para a pedagogia progressista construtivista, na sua essência e filosofia, isto é, no discurso, mas percebeu-se que as características cotidianas, a prática em sala de aula, voltam-se para um enfoque e atitude tradicional.

Observou-se na **questão cinco** ao serem questionadas sobre **“qual o método de alfabetização é considerado o mais eficiente para a alfabetização”**, as professoras tiveram certa sintonia e coerência nas respostas e posicionamentos, tem-se as seguintes considerações: A P1 considera e com certeza que é o *“método fônico”*; A P2 considerou *“o letramento, sócio construtivista”*; A P3 citou: *“construtivismo”*; AP4 ampliou sua consideração e citou: *“dentro do contexto socioconstrutivista, quando o professor deve criar a ZDP [...] sendo assim acredito que a técnica fônica seja bem vista [...]”*; e por último a resposta que mais destocou das demais foi a P5 que evidenciou que: *“não existe um método que seja o melhor [...] depende do conhecimento do professor”*.

Nenhuma das professoras citaram diretamente e de forma consistente qual o método mais eficiente, ou pelo o entendimento sobre o que vem a ser “método”. Foi citado o método construtivista, sócio-construtivista, mas de forma simplificada e sucinta.

Portanto, verificou-se que as respostas estão voltadas mais para as características do método construtivista, mas no momento que solicitou-se a justificativa, o porquê da escolha do método, não houve respostas consistentes.

Na última pergunta solicitada para as professoras colaboradoras para este trabalho, a **questão seis**, foi estimulada a responder: “**o que vem a ser uma professora alfabetizadora**”. Realmente, esta é uma questão muito pessoal, portanto, as disparidades são verificadas, mas todas as respostas são voltadas para o auxílio na construção do conhecimento do aluno e no seu desenvolvimento como ser humano, como: Para a P1 “[...] *ser alfabetizadora é ser feliz e não desanimar frente aos desafios que são muitos*”; A P2 considera que é “*um orgulho imenso, depois de tanto trabalho ver as crianças lendo, formando frases. É uma professora que não desiste de formá-los para a vida, na leitura e escrita*”; A P3 diz que é “*atingir seu objetivo maior no final do ano, conseguir que a maioria dos alunos tenham aprendido a ler e escrever [...]*”; A P4 propõe que “*é antes de mais nada amar muito a profissão e, conseqüentemente os alunos, depois ter paciência e criatividade para ensinar e tornar a aula mais atrativa e interessante*”; e, por último, a P5 indica que “*é aquela que ensina com amor acima de tudo e esteja preparada para qualquer desafio, vendo que alfabetizar não é para qualquer professor e sim para a “professora”*”.

Notou-se que as professoras não se utilizaram das ideias das teorias existentes para fundamentar a sua resposta, que demandam de um conhecimento profissional e, por conseguinte, acentuaram o lado “amoroso” da relação professor e aluno.

Para Wallon (1968), a afetividade gera avanço no campo cognitivo, pois os interesses das crianças em aprender parte das suas necessidades e desejos.

Diante disso percebeu-se que as docentes integram-se o ato de alfabetizar a partir das emoções, que consideram a afetividade parte do processo significativo do ato de alfabetizar.

Menezes (2006, p. 63) afirma que “a criança, à medida que aprende a ler e a escrever, está se desenvolvendo, ampliando e diversificando capacidades e habilidades que dependem de processos cognitivos e afetivos”.

Sobre a percepção das professoras entrevistadas na questão do conhecimento de métodos de alfabetização analisou-se que ainda “há muito que se preparar e fazer” para melhorar suas concepções e práticas, pois a prática é tradicional e se encontra muito presente no dia a dia dos profissionais envolvidos.

Por se tratar de crianças de 0 a 6 anos, muitas professoras se voltam mais para o lado afetivo, pois fica evidente algumas “falas” sobre a paciência, ensinar com amor, sensibilidade, criatividade e, que a grande recompensa é ver a criança lendo e escrevendo. Mas, acredita-se ser interessante registrar a fala da P5 que “[...] alfabetizar não é para qualquer professor e sim para a “professora”. Muito intrigante esta colocação e condizente com a atual situação do ensino, pois o professor deve ter conhecimento, comprometimento, visão sistêmica da alfabetização, coerência no eixo da Proposta Político Pedagógica da escola, Regimento Interno e além das orientações elementares dos responsáveis pelo planejamento escolar e ainda, um envolvimento no segmento entre escola, pais e sociedade.

Portanto, o que é mais perceptível nesta pesquisa é que a escola está ainda permeada pelas tendências tradicionais, isto é, a tendência escolanovista e a tendência tecnicista.

Isto se deve, diga-se de passagem, que é considerada uma tendência pedagógica de cunho “oficial” do sistema político vigente, onde se propaga a produtividade e domínio de técnicas específicas para o desenvolvimento do trabalho.

Um dos fatores que ficam bem marcantes nas respostas obtidas é que para as pesquisadas o significado de “alfabetização” se resume em fazer leitura todos os dias, jogos pedagógicos, músicas, etc., mas, não fica exposto como elas influenciam diretamente o desejo de formar novos leitores, de acrescentar uma “apimentada” na curiosidade, de inovação, de estudos aprofundados e muito menos foi citado nas respostas sobre a questão de realização de cursos específicos e também sobre formação continuada que é um suporte para a atualização e renovação pedagógica de cada profissional da educação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que o objetivo desta proposta de trabalho era conhecer a percepção sobre alfabetização das professoras alfabetizadoras de uma escola particular do Município de Ibaiti – Paraná, ficou muito claro que as professoras pesquisadas necessitam ainda de muita capacitação, experimentar novas técnicas, conhecer com mais profundidade as várias concepções e se adequar àquela que realmente melhor se adapta. Percebeu-se que as mesmas têm consciência do seu trabalho de alfabetizar, mas a maioria está voltada para o sistema tradicional, mesmo indicando que o construtivismo é melhor opção.

Por meio desta pesquisa considerou-se que foi um momento único no sentido de dar uma nova visão e uma nova probabilidade de inovações no contexto sobre a alfabetização nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Pela pesquisa bibliográfica constatou-se que a Alfabetização em muitos avanços, enfrentou diversas intervenções tanto governamentais quanto intelectuais e influências de sistema como o capitalista, por exemplo. Houveram vários avanços mas mais relutâncias também.

Por meio dos estudos, pesquisa e diversas informações obtidas ficaram patentes que não há uma forma única de alfabetização e todas elas possuem características próprias e por outro lado, muitas se entrelaçam.

Ficou também evidente na pesquisa que os educadores sabem como devem fazer seu trabalho, porém, ao responderem um questionário, um princípio de barreira e introversão se faz presente nas respostas, pois como diz o adágio popular, “fazer é uma coisa” e “falar e escrever é totalmente outra”.

Entretanto, como a proposta desta pesquisa era conhecer a percepção de algumas alfabetizadoras sobre alfabetização, apenas a P1 indicou dentre os variados métodos que o seu estilo se aproxima mais do “método fônico”, as demais não citaram os outros tipos como: o fônico; a linguagem total e o alfabético, além do analítico e citaram como método específico a teoria construtivista e sócio-interacionista.

Portanto, através desta percepção pode-se acreditar que num universo mais amplo no rol das educadoras/alfabetizadoras é grande o número de profissionais que ainda necessitam de apoio, de colaboração, de compreensão e de um olhar mais atuante e profissional por parte de todos que estão envolvidos no setor educacional.

Em suma, fundamentação teórico-metodológica é um enfrentamento entre o cultivo do tradicional, embasando entre uma teoria crítica e visualizando novas perspectivas num futuro próximo das necessidades e das prioridades que não de advir com contexto político e social, fundamentado sempre que ainda à prática está longe da prioridade pré-estabelecida na teoria e considera-se que estamos sempre acompanhando novas perspectivas, mas sempre voltado para o mundo da teoria.

Espera-se que o presente trabalho dê subsídios para provocar uma mudança, ou melhor, uma reflexão sobre prática do professor/alfabetizador que muitas vezes não tem tempo para montar um projeto mais apropriado ou elaborar um plano de aula diversificado para a sua aula, sendo sempre questionado, mas dificilmente olhado com olhos ativos para as necessidades inerentes para o alfabetizador de verdade.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.
- BARSA, Enciclopédia Britânica do Brasil. Rio de Janeiro - São Paulo, 1987, p.37.
- CAGLIARI, L.C. **Alfabetização sem o ba-bé-bi-bó-bu: Por um construtivismo não psicogenético**. In: III Congresso Paranaense de Alfabetização. São Paulo. Scipione. 1998.
- CAPOVILLA, A.G.S.; CAPOVILLA, F. C. **Alfabetização Método Fônico**. São Paulo. Memnon. 2007.
- CENTENARO, A. C. **Alfabetização: método construtivista e relato de uma experiência**. Estudos Linguísticos e Literários: Saberes e Expressões Globais. ISSN 2175 389X. Foz do Iguaçu, 2011.
- COSTA, S. M.; ANTUNES, H. S.. **Um Olhar Reflexivo Sobre o Histórico dos Métodos de Alfabetização**. Associação de Leitura do Brasil - ALB, 2008. Disponível em <www.alb.com.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais16/.../sm10ss20_07.pdf> Acesso em 22 de Julho de 2014.
- FERREIRO, E. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1996.
- FERREIRO, E.; TEBEROSK, A.. **A Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Medicas, 1985.
- FREIRE, P. **PEDAGOGIA DA AUTONOMIA: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: EGA, 1996.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- MENEZES, M. C. B. **Desenvolvimento cognitivo e afetivo: implicações no processo de alfabetização e letramento**. Dissertação de mestrado, Faculdade de educação, Universidade Estadual de Maringá, 2006.
- MORTATTI, M. R. L. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. In: Seminário "Alfabetização e letramento em debate" da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação. Brasília, 2006.
- SCHRAMM, Marilene de Lima Körting. **As tendências pedagógicas e o ensino-aprendizagem da arte**. In: PILLOTTO, Sílvia Sell Duarte; SCHRAMM, Marilene de Lima Körting (Org.). Reflexões sobre o ensino das artes. Joinville: Ed. Univille, 2001. v. 1, p. 20-35. Disponível em: http://www.artenaescola.org.br/pesquise_artigos_texto.php?id_m=23. Acessado em: 13/08/2014.
- SMOLKA, Ana Luisa Bustamante. **A criança na Fase Inicial da Escrita: A Alfabetização como processo discursivo**. 11ª ed. Campinas, UNICAMP, 2003.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte, CEALE/Autêntica, 1998.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.

SIQUEIRA, Paulo Marcos Lopes de. **Os métodos da alfabetização**: construtivismo, tradicional ou sócio-interacionismo? Monografia apresentada ao Conjunto Universitário Cândido Mendes para conclusão de Pós Graduação *Lato Sensu* em Docência do Ensino Superior. Rio de Janeiro: RJ, 2010.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins fontes, 1968.

ANEXO A

Questionário para Coleta de Dados

1. Perfil do(a) professor(a):

Sexo: _____

Idade: _____

Formação acadêmica: _____

Tempo de atuação na área da educação: _____

Tempo de atuação com alfabetização: _____

2. Percepção do(a) professor(a) sobre alfabetização:

1. Qual a concepção de alfabetização que você construiu ao longo da sua trajetória formativa?

2. Que conhecimentos são necessários para um professor tornar-se um alfabetizador?

3. -Descreva algumas práticas alfabetizadoras que na sua visão contribui para o desenvolvimento da leitura e da escrita desenvolvidas no cotidiano do seu exercício profissional?

4. De acordo com suas práticas alfabetizadoras, em qual método de alfabetização elas se enquadram?

5. Qual método de alfabetização você considera mais eficiente para o sucesso da alfabetização? Justifique?

6. No contexto da sua trajetória formativa o que é ser uma professora alfabetizadora?

Obrigado.